

Uma mulher singular em *Bracara Augusta** Rui Morais**

Uma das mais importantes inscrições romanas encontradas na cidade foi dedicada à deusa Ísis por uma sacerdotisa do culto imperial, chamada *Lucretia Fida*. Esta inscrição, feita num bloco prismático alongado e datada do século II, está embutida numa parede exterior da Sé Catedral, na rua Nossa Senhora do Leite¹. Eis a sua leitura:

“Consagrado a Ísis Augusta. *Lucretia Fida*, sacerdotisa perpétua de Roma e de Augusto, do *Conventus* Bracaraugustano, dá [este monumento]”².

* A um Homem singular, lutador incansável pela preservação desta cidade bimilenar e que a ela dedicou parte da sua vida de investigador.

** Professor Auxiliar com agregação do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho: rmorais@uaum.uminho.pt.

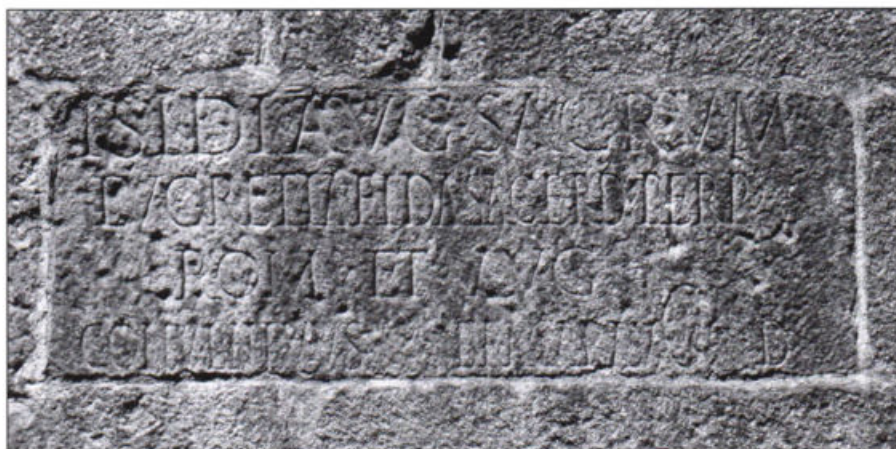


Fig. 1 – Inscrição dedicada a Ísis por *Lucretia Fida*, sacerdotisa do culto imperial.

A referência a esta inscrição aparece já em autores eruditos, como no caso de Jerónimo Contador de Argote (1732-34) que, enquadrado no espírito iluminista do século XVIII, procedeu à mais ampla tentativa de reconstituição da história da cidade romana, a partir de testemunhos arqueológicos e do recurso às fontes escritas. Segundo o erudito, “este templo [Ísis] era circular e situado onde hoje é o templo da Sé, sendo a praça fronteira o lugar do mercado ou feira publica...”

A estar correcta, a indicação de Argote é extremamente curiosa. Na verdade, a existência de templos de planta circular está bem documentada no mundo romano³. Os autores latinos referiam-se a estes edifícios como *aedes*, *templum* ou *tholus*, sendo que este último poderia ter sido usado para outras funções, nomeadamente para salas de refeição ou lugares de mercado (Armstrong, 2001, 8). Como sabemos, Ísis, era uma deusa Egípcia, protectora dos mercados e da abundância, pelo que se conclui que o mercado romano se encontraria muito perto deste local. E, na verdade, segundo o erudito, aí também se teria encontrado uma inscrição alusiva ao *genio* do mercado:

“Da familia Flavia Vrbica se acha outra Memoria notavel em Braga, a qual se encontrou ha pouco tempo na parede do Cruzeiro da Sé, da parte do Evangelho, aonde agora está a Capella de Nossa Senhora das

Angustias. Manoel Fernando, Mestre Pedreiro da obra, a levou para sua casa, onde a conserva. Do seu feitio se vê foy base de estatua, e diz a Inscrição assim:

GENIO/MACELLI/FLAVIVS/VRBICIO/EX VOTO/POSVIT/SACRVM".

Nesta notícia faz-se referência ao mestre pedreiro Manuel Fernandes da Silva que nos inícios do século XVIII foi responsável pelo desenho e alteração das Capelas do transepto. A inscrição fazia parte de um pedestal de estátua, possivelmente encimada pela representação de um *genio* na qualidade de espírito protector do edifício. Sabemos ainda quem foi o benemérito responsável, *Flavius Urbicio*, a quem certamente o Senado, consciente do valor desta doação, teria autorizado a sua oferta e colocação em espaço público⁴.

Mas mais significativo que o pedestal de estátua é a já referida inscrição dedicada por *Lucretia Fida*, sacerdotisa do culto imperial (*sacerd(os) perp(etua) Rom(ae)* et *Aug(ustorum vel ustarum?)*), a Ísis Augusta. Trata-se, até à data, da única sacerdotisa documentada no Noroeste peninsular⁵.

É interessante que nesta inscrição, à semelhança de outros casos conhecidos na *Citerior*, o culto ao imperador esteja associado à deusa *Roma*. Desde a Republica, esta deusa foi convertida numa personificação do Estado, mas será com Augusto que assume maior protagonismo passando a estar associada ao imperador governante e simbolizando uma forma de união entre o Estado e o *Princeps*. Num primeiro momento, esta associação foi fomentada através de altares nas capitais conventuais, como no caso de *Lucus Augusti*, consagrado por um *legatus Caesaris*⁶, e de *Bracara Augusta*, dedicado pela *Gallaecia*⁷. Mais tarde, procede-se à designação de sacerdotes *Romae et Augusti*, que passam a ficar responsáveis pelos altares nas capitais conventuais e desempenham um papel idêntico à dos sacerdotes que serviam a ara do santuário federal das Três Gálias (González Herrero 2009, 444-46).

A eleição de *Lucretia Fida* para o cargo de sacerdotisa teria requerido óptimas relações sociais e suficiente poder económico ou, no limite, ser casada com um *sacerdos* do *conventus Bracaraugustanus*⁸. Como não podia participar na vida política, *Lucretia*, financiou a construção de um pequeno templo circular em honra daquela deusa oriental. Com este acto benemérito fez uso de parte

do seu património em favor dos interesses da família, actuando como qualquer membro masculino pertencente às elites municipais⁹. Realce-se aqui que, de entre todos os tipos de obras públicas custeadas por beneméritos hispânicos, foram as construções sagradas as que receberam a maior atenção. Tal preferência pode ser explicada por factores morais e ideológicos. As doações de edifícios ou espaços sagrados destinavam-se a assegurar às cidades a benevolência divina, assim como a paz e prosperidade dos seus habitantes. Estes espaços podiam ser de diversos tipos.

Conhecem-se na Hispânia algumas pessoas responsáveis por financiarem templos, como no caso de *Lucentum*¹⁰, de *Tarraco*¹¹, de *Munigua*¹² e de *Regina*, no território de *Saguntum*¹³ (Melchor Gil 2009, 402). No actual território português merece especial destaque *C. Cantius Modestinus*, homem livre, do qual não se conhece o desempenho de nenhuma magistratura ou sacerdócio, que financiou a construção de quatro templos, dois em Idanha-a-Velha¹⁴ e dois em Bobadela¹⁵. Provavelmente *Modestinus* tinha vínculos familiares ou interesses económicos nas duas cidades vizinhas (Melchor Gil 2009, 403).

Em *Bracara Augusta* temos o conhecido santuário rupestre da Fonte do Ídolo, uma fonte sagrada dedicada a divindades¹⁶. Este santuário “redescoberto” no século XVI, foi também dado a conhecer por Jerónimo Contador de Argote e, posteriormente, motivo de atenção de vários eruditos e investigadores que o descreveram, desenharam e interpretaram.



Fig. 2 – Gravura do santuário da Fonte do Ídolo publicada por J. Contador de Argote.

De entre as várias interpretações avançadas para a "leitura" do conjunto das inscrições e das esculturas, cabe destacar aquelas que sugerem que neste santuário se celebrava o culto a duas divindades tópicas vinculadas a uma fonte: a escultura com toga que segura uma cornucópia corresponderá à deusa *Nabia* e o busto esculpido no nicho ao deus *Tongus Nabiagus* (Encarnação 1975; Tranoy 1981; 2002; Olivares Pedreño 2002). Segundo um recente estudo monográfico, o dedicante, *Celicus Fronto*, e os seus descendentes, não teriam sido os autores materiais das esculturas nem das inscrições, mas antes os beneméritos das obras de construção, remodelação e manutenção deste santuário-fonte (Elena, Mar, Martins 2008). Este local corresponderia então a um lugar de culto pré-romano de carácter público, um *locus sacer*, onde se realizariam festas e rituais propiciatórios da fertilidade, associados à renovação das forças da natureza, com destaque para o culto das águas nas suas diversas modalidades curativas (*id. ibidem*). A última proposta sobre este santuário foi feita por Jorge de Alarcão (2009, 88) que sustenta que a Fonte do Ídolo teve duas fases e que a figura de corpo inteiro corresponde a uma das fases e a edícula a outra, sendo que em ambas esteja representado o deus *Tongus*. Segundo o autor, "a ideia de que na edícula se representou o dedicante não parece aceitável, dados os elementos simbólicos do frontão". Sustenta ainda que as letras na base da edícula "não corresponderão ao antropónimo *Fronto* mas, eventualmente a *front[em]* ou *front[alia]*, aludindo à própria edícula ou a qualquer sorte de fachada, alpendre ou pórtico que o monumento teria". O que podemos inferir da sua posição fora dos limites da área urbana de *Bracara Augusta*, numa das saídas da via XVII, que a ligava a *Asturica Augusta* (Astorga), por *Aquae Flaviae* (Chaves), é que se tratava de um santuário "ad portam", situado portanto numa das entradas da cidade.

Mas voltando a *Lucretia*. A perpetuidade do cargo concedida ao finalizar o exercício anual do sacerdócio implicou a manutenção da dignidade sacerdotal e dos privilégios que proporcionava o seu desempenho. Como noutras cidades, esta honra vitalícia foi decretada pelo *ordo*, talvez como título honorífico, e implicou a manutenção das actividades religiosas. Os cargos sacerdotais não pressupunham nenhuma vocação a quem os ocupasse, simplesmente se exigia serem capazes de repetir rituais e os executar.

A existência de um templo dedicado a Ísis revela que, à semelhança de outras cidades do Ocidente do Império, também em *Bracara Augusta* se professou este culto de origem oriental. Este culto desenvolvia-se em paralelo à religião "oficial", bastante menos espiritualizada e foi um dos que mais se difundiu em todo o Ocidente romano, especialmente graças aos viajantes, com especial destaque para os militares, comerciantes e marinheiros, que mandavam construir santuários aos seus deuses. Como em *Bracara Augusta*, a maior parte das inscrições dedicadas a esta deusa foram feitas por mulheres.



Fig. 3 – Cerimónia em honra de Ísis, proveniente de *Herculaneum* (Nápoles, Museu Arqueológico Nacional).

Desde a sua introdução até ao triunfo do cristianismo, esta crença deve ter sido uma das mais importantes da cidade. Podemos imaginar que a presença deste culto teria implicado a ocorrência de várias procissões ao longo do ano, segundo rituais complicados em que os penitentes entoavam hinos nas ruas e realizavam actos de piedade e mortificação despertando o interesse dos seus habitantes. Mas também era uma religião de meditação silenciosa, de adoração contemplativa dos devotos perante o rosto sagrado da deusa, quando a sua imagem era transportada nas procissões. O seu culto devia despertar uma atracção directa e poderosa sobre as mulheres da cidade. Ísis orientava a conduta das mulheres, impunha-lhes penitências e um período de castidade ritual (através de ritos de purificação e rituais de castidade que duravam dez dias), mas também as agraciava revelando-lhes a sua dignidade e poder. Tanto as mulheres respeitáveis como as prostitutas se identificavam com Ísis, encontrando satisfação social e gratificação sexual. Esta deusa recrutava numerosas devotas entre as *meretrices* porque a “Boa Mãe”, é misericordiosa para as infelizes e promete-lhes redenção.

Mas para além das considerações de carácter político e religioso, interessa-nos também perceber o tipo de relações familiares e económicas que poderiam estar associadas a esta sacerdotisa do culto imperial.

Como em tempos fizemos notar, se atentarmos na análise da epigrafia da cidade constata-se a presença de um personagem muito provavelmente relacionado com a família de *Lucretia Fida*. Trata-se de *Lucretius Saturninus*¹⁷, um cidadão inscrito na tribo Quirina. O nome *Lucretius* também está documentado em marcas de lucernas, o que sugere que esta família dispunha de um património familiar que poderia, em parte, resultar do negócio das cerâmicas. A importância das produções lucernárias que saíam da(s) oficina(s) da família dos *Lucretii* está bem patente na difusão destes produtos à escala regional e da relação privilegiada que a mesma manteve com a cidade, propositadamente assinada nas marcas oficiais e, na continuidade das produções ao longo de todo o século II e, talvez, do século III. No contexto desta produção, é de realçar a possibilidade da cidade ter estabelecido um contracto com os *Lucretii*, com fins lucrativos e de controlo. Como nos parece sugerir as siglas *B·A·F* presentes em lucernas saídas daquelas oficinas, interpretadas como *Bracarae Augustae Figlina*, a cidade seria proprietária de uma zona de barreiros e de produção,

que punha à disposição dos produtores de cerâmica mediante um contrato. Este contrato, em latim, *locatio conductio*, poderia ter sido aplicado em diferentes circunstâncias e de forma muito heterogénea. No caso em análise, as mútuas obrigações impostas poderiam ser as seguintes: o governo municipal, alugava a(s) oficina(s) com os armazéns, o forno, o torno de oleiro e outros equipamentos essenciais aos produtores de cerâmica que deveriam encontrar o seu próprio pessoal, especializado como oleiros, assistentes e forneiros. É ainda provável que a cidade, na condição de proprietária, fosse responsável pelo abastecimento de certas argilas específicas, combustível para alimentar o forno, água a partir de cisternas, etc.

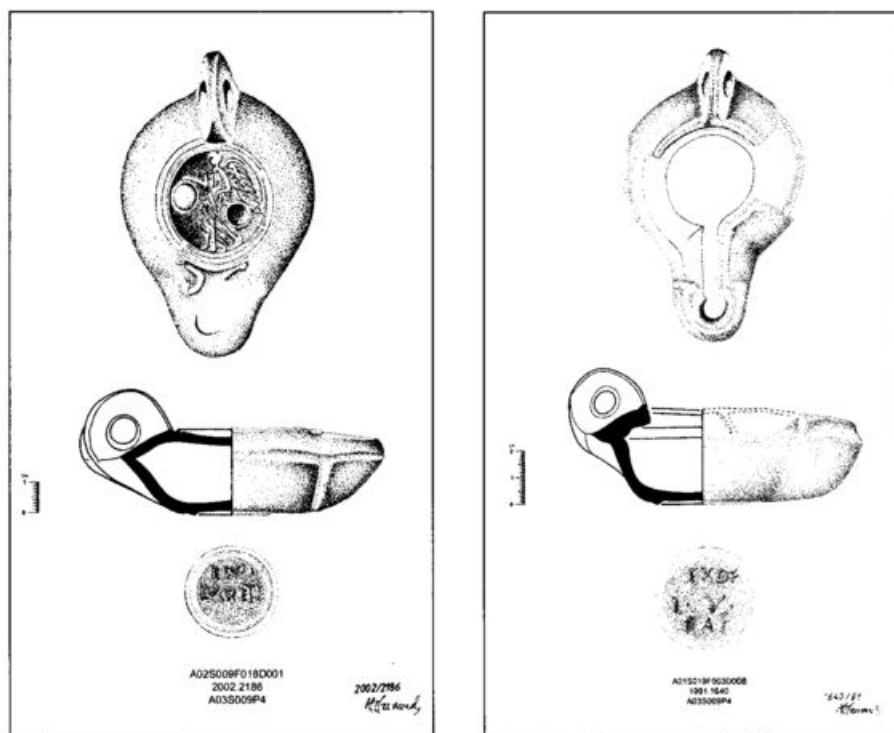


Fig. 4 – Lucernas da oficina de *Lucretius* alusivas à actividade comercial.

Os *Lucretii*, à semelhança de outros casos conhecidos no Império romano, foram possivelmente um dos casos bem sucedidos na afirmação do prestígio social e seu aproveitamento político a partir das riquezas derivadas do negócio das produções cerâmicas, acumulando um rico património familiar ao longo de gerações¹⁸. Como exemplo de sucesso, refira-se o caso de alguns personagens relacionados com a produção de tijolos em Roma e Óstia (Setälä, 1977; Steinby; Helen, 1978; *apud* Espinosa, 1988, 263-72), e o caso bem conhecido da família dos *Mamilii*, dedicados à produção de *sigillata* em *Tritium Magallum* (Espinosa, 1988, 263-72). A epigrafia anfórica mostra-nos ainda diferentes notáveis da Bética que estiveram implicados na produção de azeite e os *tituli picti* rotulados em ânforas confirmam que alguns deles, ou seus familiares, também se empenhavam na sua comercialização (Remesal Rodríguez, 1986; 2004, 125-36). Também na *Hispania Citerior* encontramos membros da oligarquia municipal que foram donos de propriedades onde se produzia vinho laietanos. Conhecem-se ainda outros membros das elites hispânicas que obtiveram rendimentos da produção de preparados piscícolas, como o *flamen* provincial da Bética *C. Aemilius Niger* que devia possuir uma fábrica em *Sexi*.



Se admitirmos que o nome *Flavius* só se generalizou depois dos Flávios, é admissível que o edifício de mercado possa ser post-flaviano e contemporâneo do templo dedicado por *Lucretia Fida*. À semelhança das Termas e do Teatro do Alto da Cidade, é provável que a construção daqueles edifícios possa datar do período antonino, momento de grandes alterações urbanísticas ocorridas na cidade.

O acto benemérito de *Lucretia Fida*, destinava-se a perdurar na memória colectiva da comunidade e a legitimar as aspirações dos seus descendentes, pois essa memória cívica seria aproveitada pelos membros das famílias de notáveis para obter apoio popular em comícios eleitorais que anualmente se celebravam na cidade. Se aceitarmos que *Lucretius Saturninus*, inscrito na tribo Quirina, mantinha uma relação familiar próxima da sacerdotisa, esta hipótese

constituiria mais um exemplo do assalto dos peninsulares às estruturas políticas e sociais romanas. Como parte das elites da cidade, esta família formava parte de um grupo social privilegiado, com um prestígio familiar acumulado durante gerações. Se ainda aceitarmos que as marcas de lucernas alusivas aos *Lucretii*, podem de qualquer forma estar relacionadas com as actividades desta família, temos também uma das razões que possibilitaria a acumulação de riqueza suficiente para justificar tais actos de benemerência. Como vimos, a ter existido esta relação, não se tratava de um caso isolado.

Lucretia é uma prova clara do impacto provocado pelas mulheres na cidade e um exemplo dos diferentes caminhos para a proeminência pública. Como parte integrante das elites da cidade, *Lucretia* é ainda um bom exemplo da integração conseguida por algumas mulheres hispânicas para controlar a vida pública das comunidades, neste caso pelo desempenho de um sacerdócio, situação pouco frequente na Península e, como referimos, caso único em todo o Noroeste Peninsular.

Notas

¹ Facto que impossibilita saber a sua espessura.

² *CIL*, II, 2416.

³ Segundo os autores antigos, a forma circular dos templos tinha uma função cosmológica (Armstrong, 2001, 9-10).

⁴ Intervenções arqueológicas realizadas entre 1996 e 1998 permitiram identificar um grande edifício com cerca de 33x33 metros, datado entre os meados do século I e os meados da centúria seguinte, interpretado como possível mercado (Fontes, Lemos e Cruz, 1997-98, 137-164).

⁵ Étienne (1974, 184, 194).

⁶ *CIL*, II, 2581.

⁷ *CIL*, II, 2422.

⁸ Na Hispania Citerior, nove de doze sacerdotisas conhecidas estavam unidas por matrimónio (*uxor flaminis*) a flâmines provinciais (González Herrero 2009, 442).

⁹ As mulheres, independentemente do grupo social a que pertenciam, financiaram 21% das doações na Hispânia (Melchor Gil 2009, 405).

- ¹⁰ *CIL*, II, 3541.
- ¹¹ *CIL*, II, 4202.
- ¹² *CILA*, 2, 1076, 1077.
- ¹³ *CIL*, II2/14, 656.
- ¹⁴ *HEp2*, 773; *ILER*, 2078, *Civitas Igaeditanorum*.
- ¹⁵ Um dedicado à deusa Vitória (*CIL*, II, 401) e outro ao Genio do Município (*CIL*, II, 402). Segundo Jorge Alarcão (2002-2003, 155-180, em particular 159), estes edifícios correspondiam antes a templetos. A mesma opinião em Maria Helena Simões Frade (2010, 47-59).
- ¹⁶ *CIL*, II, 912.
- ¹⁷ *LVCRET*[...] / *L. F. QVIR* / [S]*ATVRNI* / *NVS* (*CIL*, II, 2444).
- ¹⁸ À mesma *gens*, embora não saibamos se igualmente tinham alguma relação familiar com *Lucretia Fida*, pertencem ainda os *Lucretii* (*Lucretius Vitulinus* e *Lucretius Sabinus Postumus Peregrinus*) presentes num altar encontrado em Marecos, a sul de Penafiel, na igreja de Nossa Senhora do Desterro. Este, único do género na Península, tem a particularidade de estar datado de 9 de Abril do ano 147. A possibilidade destes *Lucretii* serem membros da mesma família foi já colocada por P. Le Roux e A. Tranoy, 1974, 257.

Bibliografia

- Alarcão, J. (2002-2003). "A *splendidissima civitas* de Bobadela (Lusitânia)". *Anas* – 15/16. Mérida, 155-180.
- Alarcão, J. (2009). "A religião de lusitanos e calaicos". *Conimbriga*, 45, Coimbra, 81-121.
- Argote, J. C. (1732-34). *Memórias para a história eclesiástica do arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*. II. Lisboa.
- Armstrong, N. R. (2001). *Round Temples in Roman architecture of the Republic through the Late Imperial Period*. Oxford.
- Elena, A. G.; Mar, R.; Martins, M. (2008). "A Fonte do Ídolo". *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*. 4. Braga.
- Encarnação, J. (1975). *Divindades indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa.

- Espinosa, U. (1988). "Riqueza mobiliaria y promoción política, los Mamili de Tritium Magallum". *Gerión*, 6. Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 263-272.
- Étienne, R. (1974). *Le culte impérial dans la péninsule ibérique d'Auguste à Dioclétien*. Paris.
- Fontes, L.; Lemos, S.; Cruz, M. (1997-98). "Mais velho" que a Sé de Braga". *Cadernos de Arqueologia*, série II, 14-15. Braga, 137-164.
- Frade, M. H. S. (2010). "Os Fora de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da Civitas Cobelcorum (Figueira de Castelo Rodrigo)". *Ciudad y foro en Lusitania Romana, in Studia Luitana* (T. Nogales Basarrate, ed.). Mérida, 47-59.
- González Herrero, M. (2009). "La organización sacerdotal del culto imperial en Hispania". *Hispaniae. Las provincias hispanas en el mundo romano* (Javier Andreu Pintado, Javier Cabrero Piquero, Isabel Rodà de Llanza, eds). Doc. 11. *Institut Català d'Arqueologia Clàssica*. Tarragona, 439-451.
- Melchor Gil, E. (2009). "Las elites municipales hispanorromanas a fines de la república y en el alto império: ideología y conductas sociopolíticas". *Hispaniae. Las provincias hispanas en el mundo romano* (Javier Andreu Pintado, Javier Cabrero Piquero, Isabel Rodà de Llanza, eds). Doc. 11. *Institut Català d'Arqueologia Clàssica*. Tarragona, 391-410.
- Morais, R. (2006). "De novo sobre a municipalidade de *Bracara Augusta* no período Flávio". *Conimbriga*, 45, Coimbra, 125-137.
- Olivares Pedreño, J. C. (2002). *Los dioses de la Hispânia Céltica*. Real Academia de la Historia de la Universidad de Alicante. Madrid.
- Remesal Rodríguez, J. (2004). "Promoción social en el mundo romano a través del comercio". *Vivir en tierra extraña: emigración e integración cultural en el mundo antiguo. Actas de la reunión realizada en Zaragoza (2-3 Junio de 2003)*. F. Marco Simón, F. Pina Polo e J. Remesal Rodríguez (eds.). *Col·lecció Instrumenta*. 16. Barcelona, 125-136.
- Roux, P. Le e Tranoy, A. (1974). "Contribution a l'etude des regions rurales du N. O. Hispaniques au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel", in *Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto, 249-258.
- Tranoy, A. (1981). *La galice romaine: recherches sur les NW de la Péninsule Ibérique dans l'antiquité*. Paris.

Resumo

Neste estudo apresenta-se uma das mais importantes inscrições até à data encontradas na cidade. Trata-se de uma epígrafe votada à deusa Ísis, datada do século II, dedicada por uma sacerdotisa do culto imperial, chamada Lucretia Fida, caso único em todo o Noroeste Peninsular. Depois de um breve enquadramento histórico e das considerações de carácter político e religioso, sugerimos a possibilidade desta sacerdotisa poder estar familiarmente associada a outros Lucretii, documentados na cidade, alguns dos quais directamente relacionados com o negócio das produções cerâmicas.

Palavras-chave: *Lucretia Fida; Ísis; Lucretii.*

Abstract

In this study one of the most important inscriptions so far found in the city is presented. It is an epigraph devoted to the goddess Isis, from the 2nd century, dedicated by a priestess of the imperial cult called Lucretia Fida, which makes it a unique case in the Peninsular Northwest. After some considerations of historical, political and religious nature, we put forward the possibility that this priestess might have been familiarly associated to other Lucretii documented in the city, some of whom directly related to the business of ceramic productions.

Key words: *Lucretia Fida; Isis; Lucretii.*